

**NA MIRA DO DISCURSO DO OUTRO: GÊNERO
INTERCALADO EM CRÔNICA DE JOÃO RIBEIRO¹**
**On the View of Another's Discourse: incorporated genres in
one of João Ribeiro's chronicles**

Maria Inês Batista CAMPOS (Faculdade EUROPAN/ SP)

Os gêneros intercalados podem ser diretamente intencionais ou totalmente objetais, ou seja, desprovidos inteiramente das intenções do autor. Eles não foram ditos, mas apenas mostrados como uma coisa pelo discurso; na maioria das vezes, porém, eles refrangem em diferentes graus as intenções do autor.

(M. Bakhtin, 1934:35)

Abstract

This article is about one of João Ribeiro's chronicles in the magazine Revista do Brasil, and discusses how an incorporated genre, such as a letter in French in this chronicle, is an important discourse procedure which shows the struggle of different voices. The theme of this chronicle is an incident that was erased from official Brazilian history. The author retells this incident from the point of view of a Brazilian voice in opposition to two others – Portuguese and French –, to discuss the different views concerning Brazilian identity at the beginning of the 20th century.

Key-words: *incorporated genre; chronicle; Brazilian identity; Revista do Brasil.*

Resumo

Este artigo focaliza uma crônica de João Ribeiro presente na Revista do Brasil. Apresenta um gênero intercalado, carta escrita em língua francesa, importante procedimento discursivo para mostrar as diferentes vozes em conflito. O tema dessa crônica é um incidente que foi

¹ Este texto, com algumas modificações, é parte do capítulo IV da tese de doutorado: CAMPOS, M.I.B. 2002) Identidade em construção: presenças francesa, brasileira e paulista em crônicas de cultura da *Revista do Brasil* (1922-1925). LAEL/PUC/SP.

apagado da história oficial do país. O autor reconta esse episódio na perspectiva de uma voz brasileira em contraposição com outras duas – a portuguesa e a francesa –, para pôr em discussão os diferentes olhares em torno da identidade brasileira no início do século XX.

Palavras-chave: gênero intercalado; crônica; identidade brasileira; *Revista do Brasil*.

A partir de estudos a respeito de crônicas da *Revista do Brasil* (*RB*), foi possível localizar um fértil espaço discursivo de debates em busca da formação da identidade brasileira. Essa revista de cultura, dirigida por Monteiro Lobato, entre 1918 e 1925, “[foi] a publicação de maior longevidade da República Velha, tendo-se convertido em um fórum privilegiado no qual as questões nacionais eram debatidas sob os mais variados pontos de vista” (De Luca, 1999: 59). “A principal questão da *Revista do Brasil* era sua preocupação com o nacional [...] Essa postura a favor do nacionalismo fará com que se perceba na *Revista do Brasil* uma ação programada de valorização da produção artística vinculada ao nacional, dando ensejo ao nascimento da crítica de arte militante”. (Chiarelli, 1995: 94).

Entre os muitos escritores que participavam do círculo de colaboradores da *RB*, encontra-se o professor de História Universal do Colégio Pedro II, excelente contador de casos, João Ribeiro (1860-1934)². Na crônica *Du Guay Trouin e um avô de Bocage* (Ribeiro, 1922), o autor flagra a invasão francesa ocorrida no Rio de Janeiro em 1711 e põe em pauta a criação de uma consciência nacional sob lentes brasileiras. Para refletir a realidade do país no momento em que escrevia (1922), João Ribeiro escolhe a crônica, gênero que lhe permite recuperar o incidente – sem o compromisso de ser fiel ao fato – e introduz um outro gênero na composição do texto, uma carta escrita em francês, pondo na mira o discurso do invasor como forma elaborada de assimilação da realidade.

O objetivo deste artigo é discutir como a combinação de gêneros introduz o discurso do estrangeiro para pôr em debate os diferentes

² Sobre a biografia de João Ribeiro, há três estudos significativos: Schnaiderman (1971: 65-93), Leão (1954: 53) e Ribeiro (1934: 114-116).

olhares em torno do Brasil no início do século XX. O autor imprime uma marca de brasilidade no seu discurso, esclarecendo um aspecto da nossa história, contada pela voz brasileira.

Esta análise mostra como a presença do gênero intercalado recuperou a construção de um plurilingüismo social, em que diferentes linguagens são incorporadas: o texto apresenta uma ampliação não só do horizonte lingüístico, mas também a conquista de uma nova concepção da identidade brasileira.

Em *Du Guay Trouin e um avô de Bocage* (Ribeiro, 1922), o autor escolheu contar um aspecto da História do Brasil que “pouca gente conhece, o ofício da intimação que Du Guay Trouin, ao tomar de assalto o Rio de Janeiro, fez chegar ao governador da cidade”. No início da crônica, o narrador introduz o discurso do outro por meio do gênero intercalado carta, escrita em francês pelo comandante da marinha francesa ao governador do Rio de Janeiro, Francisco de Castro Morais. Depois de introduzir o discurso de outro na linguagem do outro, o narrador recupera as causas da invasão e suas conseqüências para a população carioca.

João Ribeiro parte do aparecimento de uma reedição feita em 1922 do livro *Vie de monsieur Du Guay Trouin écrite de sa main*³, escrito pelo próprio Du Guay Trouin. Organizado por Henri Malo, o livro apareceu na *Collection des Chefs d'oeuvre méconnus*, sendo que seus relatos já tinham sido objeto de várias edições em espanhol (1711) e no original (1712).

Por que teria o cronista lido Du Guay Trouin? Esse acontecimento cultural serviu de pretexto para o autor discutir a importância da consciência dos valores históricos nacionais. Do vasto campo discursivo proferido pelo invasor, o historiador recortou a carta de intimação do oficial francês ao governador português do Rio, como elemento representativo de uma história pouco conhecida de nossa época colonial. Na verdade, encontra-se um apagamento desse período em que a adminis-

3 Essa obra encontra-se na biblioteca Sainte-Genéviève com o título *La vie, les aventures et les memoires de monsieur Du Guay Trouin*. Lieutenant-général des Armées Navales de France et commandeur de l'Ordre Royal et Militaire de Saint-Louis.

tração portuguesa abafava e suprimia a força e a independência da população brasileira⁴.

João Ribeiro não perdeu a oportunidade de discutir a questão da construção da identidade nacional, sempre polinacional, a partir de um fato concreto de nossa história, tendo a memória discursiva como seu suporte fundamental. Não se desvencilhou da diversidade essencial da linguagem real, aceitou ouvir as várias vozes que falavam na esfera social.

A incorporação dessa carta no interior da crônica traz o *ethos* da autoridade do experiente filólogo, de seu saber histórico com o qual constrói e sustenta seu ponto de vista: “ainda está para ser escrita com serena imparcialidade a página da nossa história em que foi o Rio de Janeiro surpreendido pelo famoso *raid* de Du Guay Trouin”.

Ao introduzir o gênero intercalado, o autor acabou por pôr à tona um plurilingüismo social, uma vez que trata o discurso como objeto do discurso. Espalhou esse plurilingüismo desde o momento em que optou por trazer o discurso do outro, do francês, para dialogar com as outras versões do ocorrido. O sentido desse enunciado foi construído não somente no seu discurso interior, mas abarcando também a pluralidade de perspectivas do autor que o diz: no seu tempo e no seu espaço.

No ensaio *O plurilingüismo no romance*, o estudioso russo M. Bakhtin afirma que o gênero intercalado é “(...) uma das formas mais importantes e substanciais de introdução e de organização do plurilingüismo social no romance” (1934-1935/1998: 124). É papel dos gêneros intercalados introduzir no romance linguagens que desestratificam a unidade lingüística e aprofundam de novo a sua multiplicidade. Na estrutura romanesca, freqüentemente esses gêneros conservam a sua elasticidade, a sua autonomia e a sua originalidade tanto lingüística quanto estilística. Isso não significa que sejam facilmente mapeados como ilhas demarcadas no conjunto do texto.

4 Dados obtidos em Prado (1962: 123).

Antes de analisar a pessoa que fala e seu discurso no romance, Bakhtin trata da importância do tema na vida cotidiana. Nos gêneros não literários, o dialogismo ressoa no aspecto semântico: orienta-se para enunciados “individuais” ou para enunciados generalizados. O sujeito que fala e o seu discurso são *objetos de transmissão interessada*, cujo objetivo é a construção de uma orientação valorativa, com a finalidade de discutir o já dito, dirigindo-se para uma outra direção. A apreensão do discurso do outro no enunciado cria um fundo dialógico, que é dado ao discurso introduzido.

Por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso de outrem incluído no contexto sempre está submetido a notáveis transformações de significado. O contexto que avoluma a palavra de outrem origina um fundo dialógico cuja influência pode ser muito grande. Recorrendo a procedimentos de enquadramento apropriados, podem-se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio, citado de maneira exata.

[...] A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas um amálgama química (no plano do sentido e da expressão). (...) Por isso, ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissolivelmente ao outro. (Bakhtin, 1934-1935/1998: 141)

O estudioso russo explica que “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores” (1934-1935/1998: 147), o que permite compreender que o cronista criou um fundo dialógico ao usar também o discurso francês. Estabeleceu um diálogo tanto com o texto citado quanto com o significado que adquiriu dentro de um novo espaço e tempo.

O gênero intercalado pode ser visto, assim, como uma possibilidade de constituição e de funcionamento dos gêneros de modo geral, pois as diferentes esferas sociais não são estranhas entre si, pelo contrário, mantêm um diálogo constante. Elas se formam entre fronteiras,

com zonas de contato e influência recíproca. Conclui-se que os gêneros de uma dada esfera podem aparecer incorporados em outra, isto é, saem da esfera oficial (carta de intimação, por exemplo) para a crônica, procedimento que Bakhtin chama de *reacentuação*.

Na crônica *Du Guay Trouin e um avô de Bocage*, o engendramento do gênero intercalado se dá de forma explícita na organização discursiva. A carta é introduzida não só como apoio ao intelectual brasileiro, mas para servir de argumento ao projeto de discutir criticamente a presença francesa no Brasil. Para analisar o gênero intercalado carta, é necessário retomar dois aspectos: o modo de introdução da carta e o de intercalação do gênero e de seu processo de transformação.

Quanto ao primeiro aspecto, modo de introdução do gênero carta, o narrador a qualifica de “texto autêntico”. Ele a retira do livro do corsário e a transcreve para o seu discurso, com as marcas características da carta: na introdução, aparece a quem o autor se dirige, “Monsieur”; em seguida, o autor do enunciado refere-se a uma situação anterior, “Le Roi mon maitre voulant tirer raison de la cruauté exercée envers ses officiers et ses troupes que vous fites prisonniers l’année passée [...]”. Na situação de interação, o leitor da crônica interpreta que o texto francês não tem caráter documental, está posto em diálogo com o todo do enunciado.

A carta perde sua relação direta com a realidade extraverbal do tempo em que foi escrita e com os enunciados de outros interlocutores. Está em jogo a avaliação que se tem do fato já ocorrido, não o já-dito no século XVIII. Isso permite que a carta desvie, parcialmente, a fala do autor, substitua o seu discurso direto para além do discurso indireto e do bivocal.

O cronista brasileiro não incorpora outras falas, desdobra-se enunciativamente. Escreve a partir de outras situações de interação, assume outra posição discursiva, incorporada à crônica. É uma maneira diferente de narrar em discurso indireto. Não quer recontar o que disse Du Guay Trouin, que o fará por si mesmo: deseja apresentar um outro ponto de vista sobre a invasão no Rio de Janeiro, reforçando a multiplicidade de estilos e a pluritonalidade no gênero, o que constitui o segundo aspecto da análise.

Essa pluritonalidade aparece no processo de intercalação e de transformação do gênero, constituindo-se numa das causas da dialogização mais ou menos marcada. A carta transfere-se da esfera político-histórica para a periodística e, conseqüentemente, muda de gênero. Ocorre o procedimento de reacentuação, isto é, transforma-se em ofício de intimação, assume um papel relevante na crônica, porque traz, em francês, língua intercalada, a assimilação da palavra do comandante da frota estrangeira, o seu tom imperativo. Tal procedimento auxilia na explicitação do conflito e das contradições do discurso alheio.

Como analisar a palavra de Du Guay Trouin? Segundo Bakhtin (1934-1935/1998) há dois tipos que perpassam o discurso do outro – modos de conceber a produção cognitiva da linguagem⁵: a palavra autoritária e a eminentemente persuasiva. Saídas do cotidiano, ampliam-se no mundo ideológico em que prevalece a função de transmissão de caráter prático e não de representação.

A palavra autoritária (dos pais, dos professores, dos adultos...), explica Bakhtin (1934-1935/1998), necessita de persuasão interior para a consciência, não carece de autoridade – à qual não se submete –; entretanto, com frequência é desconhecida socialmente pela opinião pública e pela crítica, e até mesmo privada de legalidade. A palavra autoritária não pode ser representada, somente transmitida. “Ela já foi reconhecida no passado. É uma palavra encontrada de antemão” (: 143).

Bakhtin explica que esse tipo de palavra permanece isolado. Mais do que o emprego de aspas, exige um destaque monumental como uma escrita especial; “(...) frequentemente, a palavra autoritária é a palavra de outrem em língua estrangeira” (1934-1935/1998:143). Ela entra no enunciado como uma massa compacta que só pode ser confirmada por inteiro ou recusada na íntegra. Sua função é ínfima, aparecendo somente nas construções híbridas e nos gêneros intercalados. O fato de a palavra autoritária excluir uma representação artística faz com que ela entre no romance (na crônica também) apenas como “(...) um objeto, uma relíquia, uma coisa. Ela penetra num contexto literário como

5 O conceito de palavra autoritária e eminentemente persuasiva é discutido no ensaio “O plurilingüismo no romance” (Bakhtin: 1934-1935/1998: 142-148).

um corpo heterogêneo, em torno dela não há jogo, emoções plurivocais, ela não é circundada de diálogos vivos, agitados, em volta dela morre o contexto, as palavras secam” (1934-1935/1998:144).

Podemos reconhecer essa palavra de autoridade no ofício de Du Guay Trouin: entra como massa compacta, em francês antigo, sem possibilidade de diálogo. O flibusteiro, investido do poder do rei, exige explicações da crueldade exercida pelos oficiais portugueses no ano anterior, quando um outro comandante francês invadiu o Rio: Du Clerc. Sua forma de dirigir-se a seu interlocutor é a seguinte:

Je n'ai point voulu vous sommer de vous rendre que je ne sois vu en état de vous forcer, et de réduire votre ville et votre pays en cendres, si vous ne vous rendez à la discrétion du Roi, qui m'a commandé d'épargner ceux qui se soumettront de bonne grâce, et qui se repentiront de l'avoir offensé dans la personne de ses officiers et de ses troupes. ⁶ (Du Guay Trouin citado em Ribeiro, 1922) (ver Anexo)

Ao afirmar “não quis vos intimidar”, o invasor se faz tolerante e compreensivo e, portanto, se autolegitima com o poder de exigir do governador do Rio a devolução dos prisioneiros franceses, o pagamento de todos os habitantes da colônia por atos de desumanidade e o pagamento pela dispensa do armamento que teve que vir ao Brasil. Frente a essa palavra autoritária, nenhuma tradução é permitida, ela serve de **reliquia** que entra na crônica para travar um conflito com o que é oficial.

A essa palavra autoritária, João Ribeiro opõe a persuasiva, do historiador, afirmando: “Ainda está para ser escrita com serene imparcialidade a página da nossa história em que foi o Rio de Janeiro surpreendido pelo famoso *raid* de Du Guay Trouin” (ver Anexo). A crônica adquire expressão valorativa, pois o narrador recupera as diferentes vozes dos que compuseram a cena colonial (o governador, o bispo, o invasor e o povo).

⁶ *Eu não quis intimidar-vos a vos render e [nem quis] ser obrigado a vos forçar a reduzir vossa cidade e vosso país a cinzas; se vós somente vos renderdes à discricção do Rei, que me obrigou a poupar aqueles que se submeteram de bom grado, e que se arrependeram de ter[nos] ofendido na pessoa de seus oficiais e de suas tropas.* (Tradução da autora)

Nessa situação de interação verbal, o teórico russo sublinha ser importante entender e interpretar as palavras dos outros, como uma “hermenêutica do cotidiano”.

A palavra interiormente persuasiva é uma palavra contemporânea, nascida numa zona de contato com o presente inacabado, ou tornado contemporâneo; ela se orienta para um homem contemporâneo e para um descendente, como se fosse um contemporâneo. (Bakhtin, 1934-1935/1998: 46)

Na fala do dia-a-dia, há procedimentos de transmissão que são variados, tanto na formação literário-estilística do discurso alheio como no enquadramento interpretativo. Introduzida no contexto do discurso, a palavra do outro estabelece com ele não um contexto mecânico, mas um amálgama (no plano do sentido e da expressão).

Nesse processo, Bakhtin (1934-1935/1998) também considera a evolução social e histórica da ideologia do homem: a escolha e a assimilação das palavras de outrem, para as quais ainda aponta regras e modelos dentro dos objetivos pedagógicos na qualidade de informações. Procura definir as próprias bases de uma atitude ideológica em relação ao mundo do comportamento; assim, a palavra alheia pode surgir como autoritária ou interiormente persuasiva.

Nessa crônica, o autor instaura uma palavra interiormente persuasiva. Na verdade, a história da invasão tem, no mínimo, duas versões: de um lado, a intimação do invasor francês e, de outro, a covardia portuguesa, que deixou o lugar mais difícil para a personagem principal, o país sitiado. Para entender o que se passou nesse período colonial, é preciso voltar atrás no tempo e para isso o suporte fundamental é a memória discursiva, mecanismo de retenção das informações. A reedição francesa em 1922 fez lembrar o passado não mais na voz única do conquistador, devidamente condecorado no seu país, e atualiza esse fato histórico no hoje, de maneira a não aceitar passivamente a narrativa homogeneizada pelo discurso francês.

O narrador organiza, então, uma construção seqüenciada dos acontecimentos: o governador do Rio de Janeiro não foi tomado de assalto pela esquadra francesa, tinha conhecimento prévio da situação,

porque sabia que Luís XIV vingaria o assassinato do corsário Du Clerc em 1710, e também fora avisado pelos ingleses desse ataque – assim, “não era bem de surpresa o sentimento que despertara o ímpeto do ousado flibusteiro” (Ribeiro:1922).

Castro Moraes, o governador português do Rio de Janeiro, não fez nada para defender a cidade, que Du Guay Trouin invadiu sem nenhuma resistência. Segundo João Ribeiro (1922) a história oficial foi outra para justificar o fracasso histórico – a não defesa da cidade. Na verdade, não houve nenhum nevoeiro como apareceu nos “nossos livros de história”, nada de tropas como afirmara o governador covarde, que “adjurou que defenderia a cidade até a última gota de sangue”, mas “metendo-se pelos mangues dentro foi parar à Iguazu”, nem mesmo foi possível reclamar ao bispo, pois todos fugiram. Menos os pobres que resistiram como puderam “ao saque da soldadesca”.

Pelo discurso histórico-ideológico, João Ribeiro (1922) mantém viva a história do Brasil contada pela voz brasileira em busca de valores nacionais. Retoma o discurso autoritário do francês invasor e o silêncio complacente do português colonizador, reconta-os em texto curto, em que a presença do gênero intercalado imprime aspectos do seu estilo e da sua composição, com a função de estabelecer relações dialógicas com o projeto da construção de uma identidade nacional, mostrando que sem memória não há história nem país. A composição da cultura brasileira, então, tem a versão do invasor, a do colonizador português e a do cronista brasileiro. Como ressalta Mário de Andrade (1972:235) “estamos diante do problema atual, moral, humano de abraçar o Brasil”.

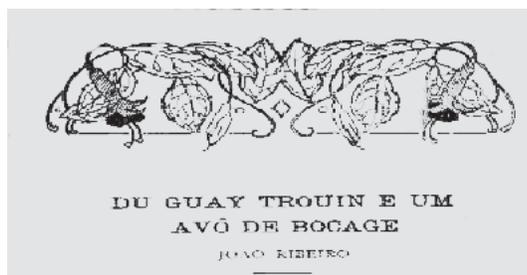
Enviado em: 05/2000. Aceito em: 10/2002.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, M. 1972 “O movimento modernista”. *Aspectos da literatura brasileira*. Martins; INL.
- BAKHTIN, M. 1934-1935/1998 *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad.: Aurora Fornoni Bernadini et al. Unesp; Hucitec.

- CHIARELLI, T. 1995 *Um Jeca nos vernissages*. Editora da USP.
- DE LUCA, T.R. 1999 *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. UNESP.
- LEÃO, M. 1954 *João Ribeiro: ensaio biobibliográfico*. Publicações da Academia Brasileira de Letras.
- PRADO, P. 1962 *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. José Olympio.
- RIBEIRO, J. 1934 *Nove mil dias com João Ribeiro*. Record.
- RIBEIRO, J. 1922 Du Guay Trouin e um avô de Bocage. *Revista do Brasil*, **82**. 106-109.
- SCHNAIDERMAN, B. 1971 João Ribeiro Atual. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, **10**: 65-93.

Anexo: *Crônica da Revista do Brasil*



Pouca gente conhece o ofício da intimação que Du Guay Trouin, ao tomar de assalto o Rio de Janeiro, fez chegar ao governador da cidade.

Ei-lo aqui no seu texto autêntico:

“Monsieur.

Le Roi mon maitre voulant tirer raison de la cruauté exercée envers ses officiers et ses troupes que vous fites prisonniers l’année passée, et Sa Majesté étant informée qu’après avoir fait massacrer les chirurgiens, auxquels vous aviez permis de descendre à terre pour panser les blessés, vous avez encore laissé perir de faim et de misère ce qui restait de ses soldats, les retenant en captivité contre le cartel d’échange passé entre les deux couronnes de France et du Portugal, Elle m’a ordonné d’employer ses vaisseaux et ses troupes pour vous contraindre à vous remettre à sa discrétion, à me rendre tous les prisonniers français, et à faire payer á tous les habitants de cette colonie une contribuiton suffisant pour les punir de leur inhumanité, et de dedommager Sa Majesté de la dépense d’un armement aussi considérable.

‘Je n’ai point voulu vous sommer de vous rendre que je ne me sois vu en état de vous forcer, et de réduire votre ville et votre pays en cendres, si vous ne vous rendez á la discrétion du Roi, qui m’a commandé d’épargner ceux qui se soumettront de bonne grâce, et qui se repentiront de l’avoir offensé dans la personne de ses officiers et de ses troupes. Cependant j’apprends que l’on a fait assassiner M. Du Clerc, qui les commandait; je n’ai point encore voulu user de représailles sur les Portugais qui sont tombés en mon pouvoir, l’intention de S. Majesté n’étant pas de faire la guerre d’une manière indigne d’un roi tres chrétien; je veux croire même que vous avez trop d’honneur pour avoir participé à ce honteux massacre. Mais ce n’est pas assez. Elle veut que vous m’en nommiez les auteurs, pour en faire un châtiment exemplaire. En sorte que si vous différez d’obéir á sa volonté, tous vos canons, vos barricades et votre nombreuse multitud n’empêcheront pas que je n’exécute ses ordres, et que je ne port le fer et le feu dans tout l’entendue de ce pays. J’attends votre réponse; faites-la moi prompte et décisive, autrement vous connaîtrez que si jusqu’ici je vous ai épargné, c’était pour m’épargner à mo-même l’horreur d’envelopper les innocents avec les coupables. Je suis, *et coetera*”.

Ainda está para ser escrita com serene imparcialidade a página da nossa história em que foi o Rio de Janeiro, surpreendido pelo famoso *raid* de Du Guay Trouin.

Não era bem de surpresa o sentimento que despertara o ímpeto do ousado flibusteiro.

Não sei que tremor vulcânico convulsionava então as terras de beiramar da colônia. Rompiam motins na Bahia e Pernambuco ardia com a guerra sangrenta dos mascates.

Sabia-se alguma coisa dessa premeditada vingança contra os assassinos misteriosos de Du Clerc. Tudo se podia esperar do ódio político e da vaidade do Rei-Sol, quando começava a fulgir a estrela de Villars. Os ingleses que tanto haviam sofrido mandaram aviso a Lisboa.

A investida anterior, de Du Clerc, tinha sido um desastre e deixara no Brasil uns seiscentos prisioneiros, entregues quase sem luta por inépcia do seu capitão.

A cidade esperava que a mesma tática de inação se repetiria com Du Guay Trouin, e que a inépcia bastaria para vencê-lo.

Du Guay Trouin, porém, tinha longa experiência de guerra e juntava à ousadia de ação a astuta rapidez dos golpes.

Ao sair da Europa conseguira enganar os ingleses frustrando o bloqueio de Brest; já na altura da Bahia quis investir a cidade, não o fazendo por escassez de víveres; e chegando ao Rio logo varou o porto sob o fogo das fortalezas e imobilizou a frota portuguesa em poucas horas posta fora de combate.

Du Guay Trouin escreveu um livro curioso, a – *Vie de monsieur Du Guay Trouin écrite de sa main* – que teve várias edições, em espanhol, de Madri, 1711, no original francês, de Paris, 1712, e outras.

São todas essas edições, antigas e novas, um pouco defeituosas, porque o manuscrito existia em imperfeitas cópias e era preciso colecioná-las. Só agora foi publicada a edição definitiva aproveitadas as edições várias, e esse trabalho devemos a Henri Malot, na impressão atual, de 1922.

Da vida tempestuosa e acidentada de Du Guay Trouin o que mais nos importa é a relação da empresa de 1711 contra a cidade do Rio de Janeiro.

A entrada não foi disfarçada sob o nevoeiro nem tão fácil quanto se podia depreender dos nossos livros de história. Sob o fogo da prodigiosa artilharia das fortalezas e dos navios de guerra portugueses que se colocaram de través para impedir a entrada dos franceses, teve Du Guay Trouin trezentos homens fora de combate.

Estava sempre na vanguarda o bravo cavaleiro de Goyon que, logo ocupou à viva força a ilha das Cobras.

Nas versões internacionais essa ilha figura com apelidos deturpados. No tempo da questão religiosa lá esteve preso o bispo do Pará e o mundo católico se consternava ao saber que o alto dignitário da Igreja, por maior mártirio estava recluso na terrível – *Ile des Serpents*.

Du Guay Trouin cometeu outra deturpação do nome. Naturalmente leu em alguma carta marítima – *ilha das Cabras* – erro tipográfico de pequena monta.

Assim é que ele sempre fala da – *ile des chèvres*, (enfim, de *bestiis non disputandum*).

Da ilha das Cobras passaram todas as tropas a terra firme; o resto é mais ou menos sabido, o bombardeio à noite, a trovoada que ainda aumentou o tumulto, lançou o pânico nos habitantes da cidade que, todos, abandonaram, levando o que podiam.

O terror contagiou a tropa que recolheu para as montanhas e florestas distantes. Du Guay Trouin ficou inteiro senhor da cidade.

Antes desse golpe decisivo conta Du Guay Trouin a história do estratagema e insídia preparada contra os franceses por um Du Bocage natural da Normandia que se fizera naturalizar português e no momento, comandava um dos navios portugueses que ele próprio fizera saltar aos ares, na inesperança de o conservar.

É curiosa a aventura do marinheiro.

Este Du Bocage, em terra, passou a guardar as baterias do São Bento, e, disfarçado em marujo francês (e na verdade bem o era) deixou-se encarcerar como suspeito de mistura com algumas sentinelas avançadas de Du Guay Trouin e dessas conseguiu obter informações sobre a situação real dos assaltantes.

Como o pecego “tornado melhor em terra alheia”, Du Bocage, enjambrando umas calças de matalote e tesourando as suíças, havia o intento de seu insidioso propósito.

O resultado desse estratagema foi o infeliz assalto dos portugueses contra as forças do cavalheiro de Goyon, postadas numa das colinas. A arremetida degenerou em revés.

Para precipitar, de um lance a aventura, Du Guay Trouin, por um tambor fez chegar ao governador, Castro Moraes, a carta em que o intimava a render-se.

O governador, como é sabido, adjurou que defenderia a cidade “até a última gota de sangue”; fanfarrice que acabou na mais inglória fuga.

A filosofia do governador era que a cidade melhor entendida era a própria pele, e, assim, metendo-se pelos mangues dentro foi parar à Iguaçu.

A justiça manda dizer que a resistência já então sendo impossível; sem frota, sem artilharia, toda ela em poder do inimigo que se apossara de todas as baterias e fortalezas, a guerra seria um sanguinolento e vão sacrifício que se havia de ajuntar à terrível pilhagem já consumada nas casas e nas igrejas.

Du Guay Trouin fez o possível para evitar o saque da soldadesca; adaptou, porém, um método novo e prático; conseguiu um pouco tarde armazenar os bens dos habitantes a quem os entregou mediante resgate. Era apenas questão de *preço honesto* como se diz nos restaurantes da Itália e S. Paulo. Couro e cabelo.

Depois de chegar à França foi cortejar o Rei que o premiou com a “cornette”, isto é, o pavilhão de chefe de esquadra.

A edição da biografia de Du Guay Trouin foi agora publicada, não sem alguma ênfase, na “Collection des Chefs-d’oeuvre méconnus”. Não é certamente obra prima, mas é um documento valioso da história.

Aquele Gillet Du Bocage de quem falamos foi o pai de uma Dona Mariana Du Bocage, mãe do famoso poeta da Arcadia portuguesa.

O avô de Elmano que figura na frota do Maquinez, originava-se de uma família de Rouen e cercanias da qual nasceram vários poetas franceses de alguma notoriedade. Uma mulher desta família, Mme. Du Bocage, foi a autora do poema — *Colombiade* — que o poeta tentou verter para a nossa língua. Outros membros da família, Fiquet du Bocage, foi tradutor de coisas inglesas. Elmano, por sua vez, foi tradutor insigne.

Parece que as musas melhor que Marte sorriram à boa fortuna dos Bocages.

(Do “Colmeia”, no prelo.)



*Maria Inês Batista Campos holds a BA in Languages from the Mackenzie University and a BA in Philosophy from the Catholic University of São Paulo (PUC-SP). She has an MA in Portuguese Language also from PUC-SP, and concluded her doctorate in Applied Linguistics and Language Studies at the same university in 2002. She teaches Portuguese for Specific Purposes at COGEAE and Portuguese and Linguistics at Faculdade European. She is the author of the book *Ensinar o Prazer de Ler (Teaching the Pleasure of Reading)* (Olho d'Água, 1999).*